

Israel: exportador de fake news, automação da morte e supremacia branca

Gabriel Rocha Gaspar¹

344

Era 1h45 da madrugada do dia 12 de fevereiro de 2024 e o campo de refugiados de Al-Shaboura, na cidade de Raffah, estava silencioso. Muhib Osama Ezz El-Din Abu Jama, de 19 anos, dormia em uma tenda com seu irmão com deficiência física e mental, Elyas, dois anos mais novo. Subitamente, o silêncio da noite é rompido por uma rajada de tiros. Acostumado com alvejamentos rotineiros desde a infância no norte de Gaza, para onde não pode voltar, o jovem sai da barraca, acompanhado do pai, Osama. Há corre-corre, mas não se vê soldados. E o ruído opaco é próximo demais para vir de atiradores de elite.

Sem saber a origem das balas, é difícil escolher para onde correr. E isso é um tempero extra para o caos que já se estabelece sobre a precária comunidade. Muhib volta instintivamente para a tenda para puxar para fora o irmão. Quando os dois saem abraçados à rua, um zunido aflito corta o ar. O rapaz olha para cima e vê um clarão.

Seu pai, atingido na perna e caído no chão, assiste ao momento em que seus dois meninos são fuzilados a curta distância por um robô voador, um quadricóptero SMASH Dragon. Depois do duplo assassinato, a metralhadora acoplada no chassi silencia por um instante, como se a máquina verificasse o sucesso de sua missão sanguinária, antes de sibilar friamente campo adentro².

¹ Jornalista, mestre em Literatura pela Sorbonne Nouvelle Paris 3. Durante cinco anos, foi apresentador, editor e repórter na RFI, a principal rádio pública francesa. Também trabalhou como correspondente em Paris para diversos veículos de mídia no Brasil. Foi finalista do prêmio Jabuti pela co-organização do livro "De Bala em Prosa: Vozes do genocídio negro no Brasil". Atualmente, é colunista de política externa na Mídia Ninja, ensaísta e produz resenhas literárias para a Folha de S. Paulo. | gabrielrgaspar@gmail.com

² Disponível em: <https://euromedmonitor.org/en/article/6195/Ongoing-genocide-in-Gaza:-Six-indicators-of-Israel%E2%80%99s-failure-to-comply-with-ICJ-ruling>



A vida de Silah Muhammad Ahmad Odeh, de 52 anos, também terminou sob a mira metálica de um drone. Em 21 de maio, depois de ter sua casa no campo de refugiados de Jabalia demolida por Israel, ela resolveu conduzir a família para passar a noite em um vizinho, dono de uma das poucas edificações ainda de pé no quarteirão. Improvisou uma bandeira branca e liderou o grupo por uma viela adjacente. Assim que entrou na rua principal, Silah tomou um único disparo, bem no meio da testa e caiu com o rosto ensanguentado na frente dos filhos e vizinhos. A família correu de volta em pânico e o tiro inicial se converteu em rajada. Por nove dias, até que as forças de ocupação deixassem Jabalia, o corpo permaneceu estirado no meio da rua. Foi a própria família que retornou para recuperá-lo e enterrá-lo no cemitério de Al-Faluja, no distrito ocidental do campo de refugiados.

Dezenas de histórias de assassinatos por veículos não-tripulados em Gaza foram compiladas pela ONG Euro Med Monitor e enviadas às Nações Unidas e ao Tribunal Penal internacional. De acordo com a organização, Israel tem intensificado o uso de armas de guerra comandadas remotamente³.

Quem dispara ainda não é o robô; é uma pessoa. Mas seu trabalho é asséptico, distante. Para ele, essa morte não tem cheiro, não tem som nem sentimento. Ela ocorre como em um jogo de *videogame* e tem seu efeito traumático reduzido drasticamente. Não há olho no olho, desaparece a impotente mirada raivosa dos parentes da vítima, o choro das crianças é silenciado. É o mais impessoal dos assassinatos; quase o ápice da automatização da morte.

“Quase” porque uma pessoa ainda puxa o gatilho, por mais distante que esteja. Citado pelo *New York Times*, o secretário das Forças Aéreas dos Estados Unidos, Frank Kendall, ponderou que “eventualmente as máquinas precisarão ter o poder de tomar ações letais por conta própria”. A justificativa é que “o inimigo” – por mais etéreo que seja – não se imporia tais limitações éticas. E o subtexto: se nós não o fizermos, perderemos a vantagem competitiva. Referenciado no mesmo texto, o ex-fuzileiro naval e pesquisador da Universidade de Defesa Nacional do Pentágono Thomas X. Hammes dá um passo extra na retórica excepcionalista e classifica como um

³ Disponível em: <https://euromedmonitor.org/en/article/6357/Gaza:-Israeli-army-expands-its-use-of-quadcopters-to-kill-more-Palestinian-civilians>



“imperativo moral que os Estados Unidos e outras nações democráticas construam e usem armas autônomas”⁴.

É uma utopia assassina, um desejo de que os inimigos simplesmente desapareçam, se aplinem por conta própria, sem contradições, sem dilemas, sem conflitos. Uma tentativa de impor o fim da história sem ter o trabalho de operá-lo; apagar o dilema prévio, o choque momentâneo e as consequências psicossociais do assassinato. Fazer com que o contraditório – político, ideológico e, por que não, racial, de gênero, de classe – “se morra”.

Talvez a pedra fundamental das tentativas da classe dominante de automatizar a morte seja a rígida hierarquia dos exércitos. Afinal, é ela que outorga aos carrascos a suspensão temporária de sua consciência. Imagine se perpetradores de violência extrema não gozassem da possibilidade da auto-absolvição; “estou apenas cumprindo ordens”. Como conseguiriam conviver consigo mesmos? Ou mesmo executar seu trabalho?

Para as cabeças por trás das mãos que operam o horror, reduzir o impacto psicológico da violência subjetiva sobre os comandados não é uma preocupação secundária. A criação das câmaras de gás nos campos de concentração nazistas, por exemplo, não foi simplesmente resultado de um problema logístico; uma mera questão de eficiência. Foi fruto também da preocupação do alto comando com a preservação da sanidade mental dos soldados rasos até então incumbidos de executar a solução final nazista a ponta de fuzil⁵.

O chefe da SS Heinrich Himmler registrou o dilema em seu diário, ao citar uma conversa que manteve no final de 1941 com seu subordinado Erich von dem Bach-Zelewski, logo depois de assistir ao fuzilamento de uma centena de detentos em um campo de concentração de Minsk, Belarus: “Ele me disse: Reichsführer, a vida desses homens acabou. Que tipo de seguidores estamos produzindo aqui? Neuróticos ou selvagens.” Himmler então fez um discurso aos soldados, dizendo que não esperaria que bons alemães fizessem um serviço tão sujo sem sentir remorso. E garantiu que, diante de Deus e de Hitler, era ele o responsável pelo ato⁶.

Mas nem ele conseguiu, em larga escala, neutralizar o trauma pelo massacre de uma população inteira, no espírito daqueles que efetivamente

⁴ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/11/21/us/politics/ai-drones-war-law.html>

⁵ Ver BREITMAN, 1991.

⁶ HILBERG, 2003:332.



puxam o gatilho. O diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático e seus subsidiários (drogadição, alcoolismo, suicídios, paranoia etc.) são lugar-comum entre veteranos de conflitos armados atroz. Foi um deles, inclusive, a Guerra de Washington contra o povo do Vietnã, que, em 1973, levou o psiquiatra estadunidense Arthur S. Blank Jr. a criar o diagnóstico de TEPT, que seria incluído sete anos depois no manual diagnóstico da Sociedade Americana de Psiquiatria⁷.

Para a psiquiatra palestina Samah Jabr, a ideia de “pós-trauma” nem se aplica à situação colonial. Primeiro, porque não existe um momento posterior, se a ocupação – e, por consequência, o trauma – é permanente. Segundo, porque ela é em si uma conceituação ocidental. Diria mais, liberal. Pois ela isola o traumatizado da sociedade. É uma ideia atomizadora de trauma. Ou, melhor dito nas palavras da própria pesquisadora e ativista:

Os conhecidos instrumentos psicométricos não dão conta de tais sentimentos. Falta especialmente a compreensão de que os múltiplos traumas infligidos aos palestinos pela violência política também representam um trauma coletivo vivido pela sociedade. Tal como um trauma individual prejudica o tecido cerebral de uma pessoa, um trauma coletivo prejudica a integridade do tecido social: a capacidade de estabelecer os vínculos coletivos, confiança, normas, visões de mundo e convenções morais.

Compreendemos até certo ponto os sentimentos de desconfiança e alienação observados nas sociedades oprimidas, mas o modelo individualizado do TEPT ignora os aspectos coletivos da experiência psicológica dos palestinos⁸.

Ou seja, há ordens distintas de trauma, condicionadas cultural, social, econômica e principalmente geopoliticamente, como já bem observava Frantz Fanon. Será que os traumas psicológicos individualizados estão relacionados também com a posição relativa dos combatentes na geopolítica em torno do conflito? Ou a aparente incidência maior de TEPT entre invasores do que entre invadidos é simplesmente uma questão de psicomетria, de método de avaliação (atomizadora, liberal *versus* o que seria uma abordagem mais coletiva, comunitária)?

⁷ Disponível em: <https://medicine.yale.edu/news/yale-medicine-magazine/article/the-unseen-wounds-of-war/>

⁸ JABR, 2024:57.



Quanto a Guerra de Washington contra o povo do Vietnã, por exemplo, há muito mais relatos de traumas psicológicos dentro dos Estados Unidos do que no próprio país invadido. Para além do método de avaliação e da concentração de estudos psicológicos no norte global (até por questões financeiras), será que a abundância de TEPT entre veteranos estadunidenses estaria relacionada ao fato de que os comunistas enfrentavam um combate de vida ou morte pela libertação nacional em seu próprio território, enquanto o invasor travava uma guerra de agressão em nome de uma abstração política chamada Guerra Fria, contra um inimigo russo cujas feições, clima, idioma, traços culturais etc. não poderiam estar mais alijados do campo de batalha?

Citado por Ehlers, Boos e Maercker, um estudo conduzido por Metin Basoglu e colegas em 1994 sugere que o "compromisso político pode ser um importante fator de proteção" contra o desenvolvimento de TEPT entre vítimas de tortura. Constatam os autores que a "prevalência de TEPT entre ativistas políticos torturados" nas prisões turcas onde a pesquisa foi conduzida foi "relativamente baixa" (18%), em comparação com a taxa de 39% detectada entre presos sem compromisso político⁹. Poderia haver relação similar na dialética entre a agressão imperialista e a luta por libertação nacional?

Uma resposta séria a essa pergunta dependeria de um estudo de campo que não é nem tema nem intuito deste texto. Mas, a título especulativo, consideremos algumas questões lógicas decorrentes da natureza imperialista dos conflitos contemporâneos: 1) enquanto, a guerra de agressão é, para o trabalhador contratado pelo exército ofensivo, um ofício violento, enquanto a defensiva é uma causa de sobrevivência. 2) O invasor, embora suscetível à morte, não pode sofrê-la em escala industrial, enquanto a vítima, sim, corre esse risco. Porque o algoz, na dinâmica imperialista, é, invariavelmente, um invasor. Ele está sempre fora de casa – o que automaticamente significa que ele tem para onde voltar. Ele não está preso ao campo de batalha. Sua família não está à mercê das armas.

Ou seja, enquanto aposta individual dos membros da força imperialista é parcial, o colonizado deposita todas as fichas em cada alteração do conflito. Toda uma sociedade, um país, uma cultura, uma civilização estão efetivamente na mira do invasor. E, por mais que a burguesia por trás do gatilho insista em retóricas do tipo "atacamos lá para

⁹ Ehlers, 2000:46



que não nos ataquem aqui", o "ataque aqui" é invariavelmente abstrato – mesmo que a desculpa para a invasão seja um atentado prévio, como no caso do Afeganistão, em 2001, e da Faixa de Gaza, agora em 2024. Afinal, forças guerrilheiras como a Al-Qaeda ou o Hamas podem até eventualmente perfurar as defesas de potências militares, mas não têm fôlego, estrutura ou poder de fogo para sustentar um ataque perene em território estrangeiro.

No fundo, cada soldado invasor deve ter essa noção, em maior ou menor medida, conscientemente ou não. O que provavelmente ninguém sabe dizer é qual cara teria a "vitória" em uma guerra de agressão. Seria a sempre custosa, impopular e ineficaz ocupação permanente do território? Seria uma mudança de regime? Ou algo ainda mais etéreo, como a extirpação de uma ideologia? A história mostra que nenhum desses objetivos é razoável.

Mais de duas décadas de ocupação estadunidense do Afeganistão produziram um renovado e fortalecido governo talibã. Outros 20 anos de conflito no Vietnã tiveram como irônico desfecho a principal cidade do país sendo tomada pelo Exército do Povo do Vietnã e rebatizada em homenagem ao principal líder da resistência nacional, Ho Chi Minh. A derrubada de Muammar Khadafi na Líbia não criou nada, além da dissolução do estado, seguida da milicianização da vida pública e as explosões do tráfico de pessoas e da escravidão contemporânea.

Nenhuma guerra imperialista carrega sentido profundo para a classe trabalhadora. O trabalhador opera como mercenário de uma burguesia que é cultural e economicamente mais distinta dele do que o próprio "inimigo" no campo de batalha. Há diversas anedotas dessa sobreposição da identificação de classe à motivação abstrata do imperialismo. Por exemplo, citando Pamphile Lacroix, testemunha ocular da Revolução Haitiana, C.L.R. James descreve nos seguintes termos o moral do exército bonapartista, nascido na Revolução Francesa, mas operando como força reacionária aos negros alevantados de São Domingos:

A posição política desonesta do exército francês agora cobrava o seu preço. Os soldados ainda se viam como uma armada revolucionária. Mas à noite, eles ouviam os negros na fortaleza cantando a "marselhesa", a "ça ira" e outras canções revolucionárias. Lacroix relatou que aqueles miseráveis extraviados estremeciam e olhavam para seus superiores quando ouviam as músicas, como se dissessem: "Será que os



nossos inimigos bárbaros têm a justiça do seu lado? Será que já não somos mais os soldados da República francesa? Será que nos tornamos meros instrumentos políticos?”¹⁰.

Mitigar esse "paradoxo do agressor" exige hercúleos esforços político, ideológico e midiático da classe dominante imperialista. Para convencer a opinião pública da racionalidade de um esforço bélico irracional, é necessário operar uma substituição da razão pela emoção. E as paixões mais eficazes para isso parecem ser o medo e o desejo de vingança. Esses são catalisados ao se exagerar o volume da ameaça (como a administração George W. Bush fez com Saddam Hussein, na famigerada falácia das armas de destruição em massa, por exemplo) ou com a vitimização do agressor. Um claro exemplo dessa segunda tática comunicacional foram as *fake news* sobre 40 bebês decapitados¹¹ e o uso sistemático do estupro como arma de guerra¹² durante os ataques capitaneados pelo Hamas contra colonos israelenses nas cercanias da Faixa de Gaza, em 7 de outubro de 2023. Tais histórias se provaram mentirosas, depois de serem amplamente alardeadas não só pela mídia comercial, mas mesmo por oficiais eleitos¹³. Mas obviamente que as escassas e discretas erratas tiveram muito menos destaque e impacto do que as manchetes sensacionalistas iniciais.

Afinal, mais importante do que a verdade é a desumanização do inimigo que, uma vez operada em escala, possibilita a apatia da sociedade dominante diante do sofrimento do dominado. Quiçá seja esse o indício maior do sucesso da operação substitutiva da razão pela emoção. Afinal, a

¹⁰ JAMES, 2010:289

¹¹ Mais informações sobre o boato e como ele se tornou uma arma para a demonização do Hamas aqui: https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2024/04/03/quarante-bebes-decapites-itineraire-d-une-rumeur-au-c-ur-de-la-bataille-de-l-information-entre-israel-et-le-hamas_6225805_4355770.html

¹² O *New York Times* reportou exaustivamente acerca do uso do estupro como arma de guerra, antes de constatar que o trabalho de seus repórteres era profundamente enviesado, que as fontes eram suspeitas e que as vítimas do crime de guerra em larga escala simplesmente não existiam. O *Grayzone* detalha a aqui “barrigada”, como se diz no jargão jornalístico: <https://thegrayzone.com/2024/01/10/questions-nyt-hamas-rape-report/>

¹³ O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, foi um dos propagadores da *fake news* sobre bebês decapitados: <https://www.aljazeera.com/news/2023/10/12/white-house-walks-back-bidens-claim-he-saw-children-beheaded-by-hamas>



desumanização é a desmaterialização do outro, que deixa de ser um ente de carne e osso e se converte em algo imaginário, depositário de todo e qualquer mal. É tão necessária à aceitação social da guerra quanto o diabo é ao cristianismo.

Israel e a substituição da história pela ideologia

Desde sua fundação, o Estado de Israel tem sido uma bússola para operações substitutivas, tanto ideológicas quanto físicas. E é normal que o seja, visto que ele foi parido pelos Estados imperialistas com o objetivo declarado de repor o perfil etnoracial da região palestina. Quem diz isso é o próprio pai do sionismo, Theodor Herzl: "Teremos que empurrar a população empobrecida para além das fronteiras, por meio da geração de empregos nos países de trânsito, ao mesmo tempo em que lhes negamos qualquer empregabilidade em nosso próprio país", diz a entrada de 12 de junho de 1895 de seu diário. "Tanto o processo de expropriação quanto a remoção dos pobres precisam ser conduzidos de forma discreta e cuidadosa". Pouco mais abaixo, ele explicita o caráter classista do projeto: "os ricos estarão conosco (...) Deixem os proprietários de imóveis acreditarem que estão nos enganando, vendendo as coisas mais caro do que elas valem. Nós jamais os deixaremos comprar nada de volta"¹⁴.

Esse é o espírito da Declaração Balfour, que oficializa em 1917 o apoio britânico à criação de um "lar nacional para o povo judaico". Conta o historiador Tarik Ali que o secretário de Relações Exteriores Arthur James Balfour, que dá nome à declaração, disse francamente em uma reunião de gabinete em 1919, que "na Palestina, não proporemos sequer a formalidade de consultar os desejos dos atuais habitantes", já que "os quatro grandes poderes estão comprometidos com o sionismo". O icônico premiê Winston Churchill, instrumental para a fundação efetiva do Estado de Israel, expressava ainda mais eloquentemente seu desprezo pelo povo palestino. Durante uma revolta palestina contra a maciça imigração sionista em 1936, ele fez o seguinte discurso supremacista:

Não concordo que o cão na manjedoura tenha um direito fundamental à manjedoura, por mais tempo que tenha passado ali. Não admito esse direito. Não admito, por exemplo,

¹⁴ HERZL, 1960:88



que algo de errado tenha sido feito aos peles vermelhas da América ou aos pretos da Austrália. Não admito que algum mal tenha sido cometido contra esses povos pelo fato de uma raça mais forte, uma raça de melhor qualidade ou, sob qualquer parâmetro, uma raça mais sábia (...) ter chegado e tomado seu lugar¹⁵.

A universalização churchilliana exemplifica primorosamente o princípio regente de qualquer empreitada colonialista. É a retórica substitutiva de um povo por outro, uma cor por outra, uma “raça” por outra. Ilan Pappe dedica um livro inteiro, *Limpeza étnica na Palestina*, a mostrar como essa ideia-mãe se concretizou em práticas genocídrias desde o início da *nakba*¹⁶, em 1948. E ela segue até os dias de hoje; o caso apresentado em 2024 pelo governo da África do Sul à Corte Internacional de Justiça, acusando Israel de genocídio contra o povo palestino, compila todas as manifestações recentes de dirigentes militares e políticos (funções quase invariavelmente sobrepostas em Israel) do discurso substitutivo/genocídrio¹⁷. É irônico o quanto ele se assemelha ideologicamente à distopia hitlerista da criação de *lebensraum*, espaço físico para o desenvolvimento da “raça ariana”.

Mas, para além da substituição material e objetiva da população, o Estado sionista é mestre na substituição da realidade de sua atuação no território por platitudes ideológicas descaradas. Por exemplo, o atual premiê israelense Benjamin Netanyahu – como praticamente todos os seus antecessores – proclama como mantra serem as Forças de Defesa de Israel

¹⁵ ALI, 2022:360-1

¹⁶ “Catástrofe” em árabe, termo utilizado pelos palestinos para marcar o momento histórico de seu deslocamento em massa para fora de suas terras. “Enquanto a versão sionista/israelense alega que a população local saiu ‘voluntariamente’, os palestinos falam da ‘catástrofe’, a *Nakba*, que se abateu sobre eles, o que em algum sentido é um termo furtivo, por se referir mais ao desastre em si do que a quem ou o que o causou. O termo *Nakba* foi adotado, por motivos compreensíveis, como uma tentativa de contrabalancear o peso moral do Holocausto judeu (Shoa), mas ao deixar de fora o autor, pode em certo sentido ter contribuído para a negação insistente do mundo quanto à limpeza étnica na Palestina, em 1948 e depois”. PAPPE, 2016:19.

¹⁷ O documento completo pode ser lido no seguinte endereço eletrônico: <https://www.icj-cij.org/sites/default/files/case-related/192/192-20231228-app-01-00-en.pdf>



(como paradoxalmente é chamado o exército de ocupação da Palestina), as forças armadas "mais éticas" do mundo. Bastariam de evidências contrárias a violência da ocupação, tanto na Faixa de Gaza controlada pelo Hamas quanto na Cisjordânia do Fatah, os postos de controle, a vigilância cotidiana, a imensidão de prisões preventivas arbitrárias – inclusive de crianças – e os incontáveis relatos de tortura nas masmorras israelenses.

Mas Antony Loewenstein deixa evidente o quanto essa afirmação é falaciosa também na arena internacional. No livro *Laboratório Palestina*, ele expõe como as FDI subordinam parte de sua atuação aos interesses privados da indústria armamentista israelense que, por sua vez, se apoia no corpo diplomático oficial para vender equipamentos bélicos, de vigilância e *hackeamento* aos governos mais obscuros e sanguinolentos do mundo – incluindo a África do Sul do apartheid, que Tel Aviv sustentou até o último suspiro. Em um caso anedótico, Loewenstein lembra uma visita de Estado de 1976:

O relacionamento [entre Pretória e Tel Aviv] ficou tão próximo em meados da década de 1970 que o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin convidou seu colega sul-africano John Vorster para uma visita que incluiu um passeio pelo Yad Vashem, o memorial do Holocausto em Jerusalém. Vorster foi simpatizante nazista e membro do grupo fascista afrikaner Ossewabrandwag durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, ele expressou com orgulho sua admiração pela Alemanha nazista. No entanto, quando Vorster chegou a Israel em 1976, ele foi homenageado por Rabin em um jantar de Estado. Rabin brindou "aos ideais compartilhados por Israel e África do Sul: a esperança de justiça e coexistência pacífica"¹⁸.

Em entrevista ao *Guardian*, o dissidente judeu e então ministro da Inteligência da África do Sul, Ronnie Kasrils pontuou as razões ideológicas por trás do alinhamento: "Os israelenses afirmam que são o povo escolhido de Deus e encontram uma justificativa bíblica para seu racismo e excepcionalismo sionista", afirmou. Para ele, essa filosofia é "igual à dos africânderes da África do Sul do apartheid, que também tinham a noção bíblica de que a terra era sua por direito divino. Tal qual os sionistas que afirmavam ser a Palestina da década de 1940

¹⁸ LOEWENSTEIN, 2024 (No prelo)
Revista Fim do Mundo, nº 11, jan/jun 2024



'uma terra sem povo para um povo sem terra', os colonos africanos espalharam o mito de que não havia negros na África do Sul quando eles se estabeleceram ali no século 17. Sendo que eles tomaram a terra pela força das armas e do terror, em uma série de sangrentas guerras coloniais de conquista."¹⁹

Ou seja, é um processo de substituição da história por uma versão que justifique a violência colonial, no qual se eliminam mesmo o sentido das palavras. Como diria Chris Hedges, opera-se um "logocídio"²⁰. Foi o que o Ocidente fez com a palavra democracia, por exemplo. Líder atrás de líder no norte global se refere a Israel como "a única democracia do Oriente Médio". Para além da geografia orientalista – os iranianos, por exemplo, chamam a região de Oeste Asiático – há um contrassenso fundamental nessa classificação: como pode um Estado de apartheid, assim classificado pela própria ONU²¹, ser uma democracia? Um etnoestado não tem como ser uma democracia, pois ele se assenta justamente numa concepção de superioridade natural do endogrupo.

Como narra Ilan Pappé, em *Dez mitos sobre Israel*, desde seu surgimento, "o Estado submeteu um quinto de seus cidadãos a um regime militar baseado em regulações draconianas de emergência oriundas do

¹⁹ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2006/feb/07/southafrica.israel>

²⁰ No livro *American Fascists: The Christian right and the war on America*, Hedges escreve que os dominionistas (facção fundamentalista da direita evangélica estadunidense) "falam em termos e frases que são familiares e confortáveis para a maioria dos americanos, mas distorcem o significado original das palavras. Eles adotam um processo gradual de "logocídio" [...]. Conceitos do velho sistema de crença são desconstruídas e recebem significados diametralmente opostos [aos originais]. Palavras como 'verdade', 'sabedoria', 'morte', 'liberdade', 'vida' e 'amor' não têm mais o mesmo significado originalmente atribuído no mundo secular. 'Vida' e 'morte' significam 'vida em Cristo' e 'morte de Cristo' e são usadas para sinalizar crença ou descrença no Senhor. 'Sabedoria' tem pouco a ver com conhecimento humano, mas se refere ao nível de compromisso e obediência ao sistema de crença. 'Liberdade' [...] trata da liberdade que o sujeito encontra quando aceita Jesus e se liberta do mundo para fazer Sua vontade. Mas talvez a deturpação mais perniciosa seja de 'amor', a palavra utilizada para atrair ao movimento pessoas que buscam uma comunidade calorosa e solidária para enfrentar seu isolamento e alienação. O 'amor' é distorcido para significar uma sujeição inquestionável àqueles que clamam falar em nome de Deus em troca da promessa da vida eterna. O cego amor humano, a aceitação do outro, é atacado como uma forma inferior de amor, perigosa e indigna de confiança" (HEDGES, 2006:14)

²¹ Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2022/03/1114702>



Mandato Britânico, negando aos palestinos quaisquer direitos humanos ou civis básicos”²². Lembrando a já citada ideologia genocidária fundadora, Pappé desbanca muitos progressistas que defendem a tese de um estado benevolente corrompido pela Guerra dos Seis dias²³. Antes mesmo disso, o cenário não diferia muito do que se vê hoje: “Governos militares locais tinham absoluta soberania sobre a vida desses cidadãos [palestinos]: podiam elaborar leis especiais para eles, destruir suas casas e meios de subsistência e atirá-los na cadeia a seu bel-prazer”²⁴.

Passados 70 anos dessa descrição, o grau de desumanização do dito “inimigo” palestino dentro da sociedade israelense é tão gritante, que o ministro da Defesa Yoav Gallant se sente à vontade para se referir a ele como “animais humanos”, ao vivo, na televisão e prometer cortar-lhes o abastecimento de comida, combustível e energia²⁵. Isso é um exemplo inequívoco de punição coletiva, o que é classificado como crime de guerra pela convenção de Genebra.

Gallant sabe onde se respalda, ao anunciar um crime de guerra em cadeia nacional. Pesquisa do Pew Research Center²⁶, conduzida entre março e abril de 2024 – quando a chamada retaliação israelense ao ataque contra Israel, liderado pelo Hamas em 7 de outubro do ano anterior, já deixava mais de 30 mil palestinos mortos, com predominância de mulheres e crianças²⁷ – mostra que quase 75% dos israelenses apoiavam a condução da guerra contra a Faixa de Gaza, depois de seis meses de massacres ininterruptos. Entre todo o conjunto de entrevistados, 39% consideravam adequada a intensidade da resposta israelense, enquanto 34% defendiam uma ofensiva ainda mais violenta.

²² PAPPÉ, 2022:155-6

²³ Em 1967, Síria e Jordânia se juntaram na defesa do Egito, atacado por Tel Aviv. O conflito relâmpago levou à primeira grande expansão territorial israelense, com a incorporação da Faixa de Gaza, da Península do Sinai, de Jerusalém Oriental, Cisjordânia e das Colinas de Golã. E fez nascer o discurso de um Estado ameaçado pelos vizinhos.

²⁴ Ibidem

²⁵ Disponível em: https://www.timesofisrael.com/liveblog_entry/defense-minister-announces-complete-siege-of-gaza-no-power-food-or-fuel/

²⁶ Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2024/05/30/views-of-the-israel-hamas-war-may-2024/>

²⁷ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/4/23/by-the-numbers-200-days-of-israels-war-on-gaza>



O que pode ser mais violento do que o genocídio? E como uma sociedade desenvolve uma sede de sangue tão extremada? A resposta é: com sucessivas gerações criadas sob o signo da desumanização do outro. Talvez uma das facetas mais perversas da perpetuação do apartheid israelense esteja no sistema educacional, a começar pelo fato de que o sistema educacional é completamente separado, desde a creche até a Universidade. Um relatório publicado em 2001 pela Human Rights Watch mostrou o quão escandalosa é a disparidade de condições, de financiamento, de infraestrutura e currículo entre as escolas reservadas aos israelenses "árabes" (como o oficialismo sionista se refere aos palestinos, em uma tentativa de aplainamento cultural) e aos judeus. Por exemplo, palestinos são obrigados a aprender hebraico como língua secundária, enquanto judeus não precisam estudar árabe. Às escolas palestinas falta tudo: de material didático básico a laboratórios, bibliotecas, espaços de recreação e mesmo estruturas de acessibilidade; já as israelenses são referência internacional em todos esses quesitos²⁸.

A filóloga e ativista pacifista Nurit Peled-Elhanan publicou um livro em 2012, em que analisa racismo anti-palestino nos livros didáticos israelenses. Depois de se debruçar sobre as apostilas aplicadas nas escolas para judeus israelenses de 1996 a 2010, ela observa que "nos livros para crianças pequenas (1-4 anos), os palestinos, sejam cidadãos israelenses ou residentes nos territórios ocupados, praticamente não existem":

Não é possível encontrá-los em nenhuma ilustração, fotografia ou qualquer texto verbal importante, seja factual ou ficcional. Nas antologias, não há rastros de sua literatura ou poesia, de cantigas infantis, provérbios ou contos folclóricos, também não existem traços de sua existência nos livros factuais sobre o Estado de Israel.²⁹

Conforme avançam as idades escolares, o apagamento começa a dar lugar ao racismo deliberado. Peled-Elhanan toma por exemplo os livros de geografia, que tendem a "racionalizar a estabilização forçada dos cidadãos palestinos e o fato de que eles não se tornaram 'modernos' como o setor israelense, mostrando-os como tribais; um dos mais repetidos aspectos da

²⁸ Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2001/09/30/second-class/discrimination-against-palestinian-arab-children-israels-schools>

²⁹ Peled-Elhanan, 58-9



suposta mentalidade árabe tribal é a 'intransigência' dos cidadãos árabe-palestinos em alocar terras para fins públicos". O livro didático citado pela pesquisadora faz a comparação entre palestinos e israelenses nos seguintes termos:

Gerenciamento do uso da terra no setor árabe: No setor judaico, não há objeção à alocação de algumas terras privadas para obras de interesse público. No setor árabe, existe a expectativa de que todos os serviços públicos e necessidades sejam providos em terras de reserva do Estado. [grifos no original]³⁰

Dado oculto no texto: as tais terras de reserva do Estado foram confiscadas dos próprios palestinos. Peled-Elhanan explica que a lógica dos livros didáticos para adolescentes procura criminalizar os "árabes", mostrá-los como intransigentes e indolentes, inerentemente inaptos à cooperação. E talvez seja a alusão a esse aspecto "inerente" da resistência o traço racista mais pronunciado dessa doutrinação escolar, já que ele nega qualquer direito à história. E quem não tem história não tem materialidade, não existe. Torna-se uma entidade imaginária, um depositário, como dissemos anteriormente, de todo e qualquer mal.

Israel e a supremacia branca

Para além da substituição do real pelo imaginário, da racionalidade pela emoção, do assassinato do sentido das palavras, o Estado sionista e seus aliados performam também uma desterritorialização, geográfica e histórica, do próprio antissemitismo. E é um processo a tal ponto bem-sucedido que, se um extraterrestre pousasse na Tel Aviv de 2024, suporia que Adolf Hitler era árabe e enxergaria na Alemanha a vanguarda europeia da defesa histórica do povo judeu. Afinal, a classe política alemã tem combatido ferozmente qualquer manifestação de apoio à causa palestina: diversas regiões do país baniram o pano tradicional palestino keffieh, bandeiras palestinas também foram proibidas e utilizar o slogan "do rio ao mar" virou crime³¹. Eventos acadêmicos e manifestações foram suspensos e

³⁰ Idem, 61

³¹ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2023/10/26/complete-censorship-germanys-palestinian-diaspora-fights-crackdown>



até um ex-ministro das Finanças da União Europeia foi barrado não só de entrar na Alemanha, mas de se conectar com o país por videochamada. O crime desse cidadão, Yanis Varoufakis, foi prestar solidariedade à Palestina em meio ao genocídio perpetrado por Israel na Faixa de Gaza³².

O pobre E.T. hipotético poderia inclusive chegar à conclusão de que o Alternatif für Deutschland (AfD) é um aliado do povo judeu. Afinal, o partido político neonazista propôs imediatamente após os ataques de 7 de outubro, que fosse suspensa toda ajuda humanitária da União Europeia à faixa de Gaza. E, claro, apoia Israel, em coro com o restante da extrema-direita global. Como declarou o líder da AfD Alexander Gauland, "o ataque não teve como alvo apenas o Estado judeu, ele também nos coloca na mira. Israel é o Ocidente, num ambiente que rejeita e luta contra o Ocidente. Quando apoiamos Israel, também estamos defendendo nosso modo de vida"³³.

Claro que esse apoio é cínico, pois depende de uma suspensão oportunista do histórico antissemitismo da agremiação. Mas, por ora, vale a pena deixar o ódio contra os judeus de lado, mas só em nome de um outro tipo de racismo, conjunturalmente mais urgente a seus olhos: a islamofobia, o preconceito contra árabes e muçulmanos. Ao contrário dos atos de rua em apoio à Palestina, a AfD não está proibida. Pelo contrário, obteve 16% dos votos alemães nas eleições europeias, apenas uma semana depois de seu principal candidato, Maximilian Krah, ser forçado a abandonar a corrida eleitoral por declarar que nem todos os soldados da SS, a unidade nazista responsável pelo grosso do extermínio de judeus, eram criminosos³⁴. Assim como a AfD, agremiações com vínculos, símbolos ou propostas neonazistas obtiveram sucessos históricos por toda a Europa, nas eleições para o Parlamento Europeu de junho de 2024: a União Nacional francesa obteve 31% dos votos; o Partido da Liberdade holandês subiu de 2,5% para 17% e seu homônimo austríaco virou a principal representação política do país, com 27% da preferência do eleitorado³⁵.

³² Disponível em: <https://www.newstatesman.com/diary/2024/04/cancelled-germany-yanis-varoufakis-israel-palestine>

³³ Disponível em: <https://www.theleftberlin.com/the-afd-and-israel/>

³⁴ Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2024/05/22/maximilian-krah-ss-officers-afd/>

³⁵ Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/despite-european-parliament-gains-germans-say-the-far-right-still-lacks-legitimacy/>



Por incrível que possa parecer ao hipotético E.T., o antissemitismo é uma chaga histórica da Europa, não do mundo árabe. Foram os europeus que perseguiram, ostracizaram, assassinaram e roubaram os judeus, do Império Romano ao Terceiro Reich, passando pela Inquisição. Os aliados contemporâneos de Israel são negacionistas do Holocausto. E o mais paradoxal: não há paradoxo nisso. Como fica claro na fala de Gauland, na anteriormente citada de Churchill e de tantos outros brancos racistas apoiadores do projeto sionista, a extrema-direita tem plena compreensão de que o traço fundamental do Estado de Israel não é exatamente o fato de ser judeu, mas de se basear em supremacia e pureza raciais. Quando Gauland fala em "nosso modo de vida", no fundo, ele está falando "nossa raça". E Israel é o único país do mundo que consegue efetivamente manter institucionalizado, a céu aberto, o domínio colonial de uma "raça" sobre outra. Ou seja, o Estado sionista não é uma consequência da derrota de um projeto supremacista, mas sua continuação histórica. Seu triunfo não é um triunfo do povo judeu, mas do racismo – e isso, sim, interessa à classe dirigente europeia.

Afinal, a supremacia branca é a cama sobre a qual repousam o imperialismo e o colonialismo. E esses são os feitos passados (e atuais) que garantem à Europa – ou, de forma mais ampla, ao Norte Global – sua posição dominante no mundo. Assim, como observou poeticamente Aimé Césaire³⁶, o fascismo, grotesco como ele é, é o retrato mais fiel da classe dominante deste mundo eurocêntrico. E Israel é o instrumento ideal, a bússola que indica o caminho para sua renovação em um mundo pós-Segunda Guerra, assolado por desigualdade galopante, afundado em tripla crise: política, econômica e social.

A urgência da sensibilidade diante da automatização da morte

O apartheid – e agora, o genocídio – ensinam que não é preciso resolver nenhum problema de desigualdade, de tortura, de desumanidade, de violência. Não é preciso equiparar as pessoas dentro da sociedade, porque elas são inerentemente desiguais. Vamos, sim, acirrar as condições precárias em que elas já estão. Abertamente, aos olhos do mundo, à luz do dia.

³⁶ Ver Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.
Revista Fim do Mundo, nº 11, jan/jun 2024



Porque se eles conseguirem se safar de um genocídio transmitido em tempo real, para todos os dispositivos móveis do mundo, com ampla atenção internacional, o céu é o limite. Se não permanecermos mobilizados contra o sionismo, talvez Israel consiga, ironicamente, ter sucesso onde Himmler falhou: na neutralização, em larga escala, do trauma social produzido pelo assassinato de uma população inteira no espírito de quem puxa o gatilho. Ou, mais grave, em todo mundo que assiste ao espetáculo da morte.

Junto com os perigos materiais associados ao fato de Israel ser um dos principais exportadores de artefatos de espionagem, de inteligência e tecnologia bélica do mundo, esse risco de insensibilização faz de Gaza a fronteira derradeira entre a mínima e precária estrutura legal que sustenta as relações internacionais e a pura lei do mais forte. Num mundo organizado no que o já citado Varoufakis chama de tecnofeudalismo³⁷, o mais forte já se impôs. Tudo que falta a seu domínio completo é nossa insensibilidade, a popularização global da automatização da morte, do descompromisso com a vida humana. Com procuração da burguesia internacional, Israel está, em última instância, testando nossa capacidade de permanecer humanos.

Referências

- ALI, Tarik. **Winston Churchill**: His times, his crimes. Londres: Verso, 2022.
- BREITMAN, Richard. "Himmler and the 'Terrible Secret' among the Executioners", **Journal of Contemporary History**, 26 (3), Londres: Sage Publications, 1991, p. 431–451.
- EHLERS, A., MAERCKER, A., & BOOS, A. "Posttraumatic stress disorder following political imprisonment: The role of mental defeat, alienation, and perceived permanent change", **Journal of Abnormal Psychology**, 109 (1), Washington: American Psychological Association, 2000, p. 45–55.
- HEDGES, Chris. **American Fascists**: The Christian right and the war on America, Nova York: Free Press, 2006.
- HERZEL, Theodor. **The complete diaries of Theodor Herzl**, Vol. 1. Nova York: The Theodore Herzl Foundation, Inc., 1960.

³⁷ Ver Yanis Varoufakis, *Technofeudalism: What killed capitalism*. Londres: Penguin Books, 2023.



- HILBERG, Raul. **The Destruction of the European Jews**, 3 Volume Set (Third Edition). New Haven: Yale University Press, 2003.
- JABR, Samah. **Sumud em tempos de genocídio**. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.
- JAMES, C.L.R., **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LOEWENSTEIN, Antony. **Laboratório Palestina**: Como Israel exporta tecnologia de ocupação para o mundo. São Paulo: Editora Elefante, 2024. (No prelo)
- PAPPE, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016.
- PAPPE, Ilan. **Dez mitos sobre Israel**. São Paulo: Tabla, 2024.
- PELED-ELHANAN, Nurit. **Palestine in Israeli schoolbooks**: Ideology and propaganda in education. Londres: I.B. Taurus, 2012.

Recebido em 29 jun. 2024 | Aceito em 30 jun. 2024.

